

## 5 Conclusão

Ao longo da história da psicanálise, Freud foi freqüentemente criticado por sustentar a idéia de um psiquismo solipsista, uma espécie de mundo interior dominado pelas pulsões. Nesse modelo, era como se as transformações pulsionais pudessem ser as únicas responsáveis pelo funcionamento, ou disfuncionamento, mental. Com Melanie Klein, o papel desempenhado pelo outro foi incluído nessa dinâmica, mas Klein solucionou o problema apenas em parte, já que permaneceu quase exclusivamente centrada no mundo dos objetos internos. Diferentemente de Freud e Klein, a partir de Winnicott, há a idéia de que o psiquismo não se constrói somente de dentro, mas na interseção entre o dentro e o fora, implicando uma reformulação do papel das pulsões.

As tentativas frustradas de Ferenczi de lidar clinicamente com a compulsão à repetição já haviam aberto o caminho para um novo campo possível de trabalho clínico, além das psiconeuroses. Tanto em Ferenczi como em Winnicott, a reformulação da teoria clássica freudiana da pulsão não só alterou a forma de se pensar a clínica, como também a concepção a respeito da constituição da subjetividade. Ao abordar questões mais globais relativas à experiência humana, e não apenas ao funcionamento interno de um aparelho psíquico, ao descrever relações entre pessoas, e não entre instâncias psíquicas em conflito, a psicanálise modificou-se de forma importante. Pode-se dizer que o remanejamento da psicanálise trazido pelos autores das teorias da relação de objeto, seguindo a trilha aberta por Ferenczi, é a consequência da transformação da psicanálise para que ela se aplique aos distúrbios limites da personalidade ou a situações limites de qualquer análise, levando-a a explorar zonas do psiquismo não regidas pela representação. Se, em Freud, o modelo implícito da neurose é fundado sobre a perversão (a neurose como negativo da perversão), hoje, cada vez mais, o modelo implícito da neurose (e da perversão) é baseado na psicose, seguindo, aliás, o que já se esboça na última parte da obra de Freud. Mas, como afirma Green (1975), não se trata de dizer que toda neurose se inscreve sobre uma psicose subjacente, e sim que o interesse dos psicanalistas se volta menos para as fantasias perversas das neuroses do que pelos mecanismos de defesa psicóticos que podem estar presentes de forma subterrânea mesmo nos neuróticos. Nesse sentido, pode-se dizer que o pensamento clínico contemporâneo trabalha menos com a idéia de estrutura e mais com a idéia de

gradiente. Um paciente neurótico pode apresentar defesas arcaicas, acionando mecanismos autísticos ou psicóticos diante de certas situações que extrapolam a sua capacidade simbólica. Afinal, como dizia Winnicott, os estágios iniciais jamais são verdadeiramente superados e abandonados, e em um indivíduo de qualquer idade, podem ser encontrados todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas às mais tardias. Dessa forma, certas vivências são capazes de desencadear uma defesa mais arcaica mesmo supondo um início suficientemente bom. Ainda segundo Winnicott, a análise deve alcançar a loucura do paciente, ainda que o diagnóstico continue sendo o de neurose, e não o de psicose.

Com essa mudança de foco, a metapsicologia cedeu lugar a uma aproximação mais fenomenológica e psicológica do sofrimento, com ênfase na qualidade da experiência emocional, o que muitas vezes foi criticado como uma espécie de retorno à psicologia pré-psicanalítica. Contudo, pode-se dizer que há um movimento comum na psicanálise contemporânea, uma tendência, em direção a descrições na primeira pessoa, ou seja, à experiência e sua corporeidade. Dizer que a metapsicologia, em certa medida, perdeu seu alcance enquanto fundamentação da prática psicanalítica significa que o caráter inabalável do poder transformador do inconsciente, baseado no modelo do sonho, foi questionado e que o objeto externo ganhou um papel maior na teoria e na clínica. Isso não implica na perda do valor das proposições fundamentais de Freud a respeito do intrapsíquico, apenas não é mais possível pensar o intrapsíquico sem a idéia de 'uma exigência de trabalho imposta ao psiquismo' através de sua ligação com o intersubjetivo. Muitas tentativas de renovação do campo psicanalítico através da via metapsicológica foram feitas. Considerei importante privilegiar as que tentaram ultrapassar a oposição entre a metapsicologia e a teoria da relação de objeto, entre o que Freud inaugurou e o que Ferenczi e Winnicott souberam modificar e acrescentar. A mudança de foco trazida por eles se opera na transição do meramente pulsional ou objetal para as condições do trabalho de simbolização, no qual as duas dimensões podem ser abarcadas.

Mais precisamente, em relação à pulsão, cabe lembrar que se trata de uma construção teórica que se propõe dar conta de um efeito, ou seja, de algo basal no ser humano que tem o efeito análogo a uma pulsão, de algo arredo que impulsiona para a ação. A partir de Winnicott, a noção não perdeu completamente sua força, ela é mantida, mas em um sentido fraco, sendo necessário repensar todos os elementos que estão em jogo e concebê-la como

se constituindo na história e, desse modo, resultando de uma organização conjunta, de um jogo de investimentos. A psicanálise contemporânea se propõe explorar essas dimensões em conjunto, pulsão e objeto, interno e externo, para além do modelo freudiano e das definições da primeira tópica (fonte, objeto, meta, pressão), concentrando-se mais nas idéias de tendência à ligação e ao desligamento da segunda tópica. Contudo, diferentemente de Freud, essas tendências são consideradas como intrinsecamente associadas ao resultado da articulação da pulsão com os objetos primários e, se toda ligação ou desligamento depende do objeto, de sua função simbolizante, então o lugar do conceito de pulsão nessa teoria e clínica é forçosamente um lugar mais nuançado se comparado com a teoria clássica freudiana.

Toda essa temática vem sendo discutida há muitas décadas, mas, como se sabe, o trabalho perlaborativo é lento, e apenas recentemente assiste-se a uma tomada de consciência global dessa mudança e a emergência de um modelo psicanalítico contemporâneo mais abrangente, à parte dos grandes dogmatismos pós-freudianos, como a psicologia do ego, o kleinismo e o lacanismo. Pode-se dizer que, hoje, grande parte da psicanálise caminha no sentido de um Grupo do Meio mas isso não necessariamente implica um solo comum bem definido. Defende-se o ideal de um analista poliglota<sup>128</sup>, capaz de compreender numerosas escolas de pensamento analítico. Essa perspectiva contemporânea é, portanto, bastante pluralista e ainda aguarda atingir sua maturidade. Há um importante trabalho de organização e aprofundamento dos diversos modelos disponíveis a ser feito para que o exercício da psicanálise não venha a tornar-se, mesmo que de forma criativa e útil, uma espécie de improvisação. Pois não se trata apenas de pensar que a psicanálise deve usar diferentes técnicas e diferentes pensamentos clínicos quando diante de quadros patológicos distintos, mas também de rever o posicionamento acerca das bases que sustentam a troca analítica.

---

<sup>128</sup> "Cada freudiano deve ser assim potencialmente um kohutiano, um kleiniano, um winnicottiano, um lacaniano e um bioniano, na medida em que cada uma dessas escolas reflete uma certa perspectiva analítica limitada" (Bollas, 1996, p.134).